



Seção Dossiê

Religiões em atravessamentos na Amazônia



Marxismo e religião: para além do ópio e o caráter educativo da teologia da libertação

*Marxism and religion:
beyond opium and the educational character of liberation theology*

Raimundo Sérgio Farias Júnior
PPGCR da Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Raquel Gomes Correa
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Resumo: Este artigo tem como objetivo geral analisar o processo de formação e conscientização política de lideranças comunitárias vinculadas a CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) em uma comunidade em Belém-PA. Metodologicamente está constituído de estudo bibliográfico e pesquisa de campo cujo locus foi a comunidade da Vila da Barca, situada em Belém (PA). A organização dos dados seguiu as sendas da análise de conteúdo. Os resultados mostram que as CEBs representaram possibilidade histórica para muitos indivíduos que encontraram na igreja, não apenas refúgio para aflições da alma, mas uma ferramenta na luta pelo pão e no sonho de um mundo justo e livre de opressões.

Palavras-chave: Marxismo. Religião. Teologia da Libertação.

Abstract: This article aims to analyze the process of formation and political awareness of community leaders linked to CEBs (Base Ecclesial Communities) in a community in Belém-PA. Methodologically it consists of bibliographic study and field research whose locus was the community of Vila da Barca, located in Belém (PA). The organization of the data followed the paths of content analysis. The results show that the CEBs represented a historical possibility for many individuals who found in the church, not only refuge from afflictions of the soul, but a tool in the struggle for bread and in the dream of a just and oppression-free world.

Keywords: Marxism. Religion. Liberation Theology.

Introdução

O presente artigo tem como objetivos: a) analisar o processo de formação e conscientização política de lideranças comunitárias vinculadas a CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) em uma comunidade em Belém (PA) e b) levantar narrativas de uma experiência teológica, baseada nas premissas da teologia da libertação. As ponderações assinaladas serão conduzidas nos pressupostos epistemológicos do materialismo histórico dialético.

Nas sendas de Kosik (1976)¹, entendemos que vivemos em uma sociedade a qual tem como um de seus signos a pseudoconcreticidade e, como tal, conduz os indivíduos

Recebido em: 04 mar. 2024 - Aprovado em: 12 jun. 2024.

a perceberem o aspecto fenomênico apartado da essência. Assim, "O 'horizonte' - obscuramente intuído - de uma realidade indeterminada como todo constitui o pano de fundo inevitável de cada ação e cada pensamento, embora ele seja inconsciente para a consciência ingênua".² Desse modo, o esforço analítico desse artigo vai tentar alcançar o concreto pensado,³ tendo em vista uma leitura possível no que concerne à relação do marxismo e da religião em tempos de avanço da teologia da prosperidade, sobretudo numa conjuntura em que essa teologia, em grande parte, se alinha com posições fascistas expressadas pela extrema direita brasileira, em particular nas eleições presidências de 2018 e 2022. Desse modo, ainda que todo esforço seja desencadeado para a interpretação do concreto pensado, há sempre as limitações cognitivas impostas à condição humana, pois a realidade é vasta, complexa e determinada por diversas relações.

Para Löwy⁴, Marx nunca demonstrou grande interesse pela religião, mas dedicou atenção à relação entre protestantismo e capitalismo, o que pode ser verificado, por exemplo, em diversas passagens de "O Capital", o qual faz inúmeras referências à contribuição do protestantismo para a acumulação primitiva de capital, incitada, sobretudo, "[...] por meio do estímulo à expropriação de propriedades da Igreja e campos comunais"⁵. Esperamos, assim, com a pesquisa aqui apresentada, estabelecer algumas aproximações entre marxismo e religião e problematizar questões teóricas que suscitam a curiosidade epistemológica no campo dessa tradição crítica de pensamento, procurando provocar o interesse de futuras pesquisas e novas abordagens teórico-metodológicas na temática aqui exposta.

Essa pesquisa tem um caráter qualitativo e se desenvolveu em dois momentos. Primeiro, um estudo bibliográfico sobre as questões relativas ao tema desse estudo; em seguida, foi efetivada uma pesquisa de campo cujo *locus* foi a comunidade da Vila da Barca, situada em Belém (PA). Trata-se de uma localidade palafítica onde a ocupação teria iniciado em meados do século passado, às margens da Baía do Guajará que circunda parte da referida cidade.

Os sujeitos da pesquisa foram moradores que vivenciaram a experiência das CEBs no início dos anos de 1980 e que na época exerciam forte liderança na localidade. Selecionamos 4 (quatro) moradores, sendo 2 mulheres e 2 homens. Os critérios para essa escolha foram dois: 1) ainda residirem na Vila da Barca e 2) permanecerem vinculados à igreja. Utilizamos, primeiramente, um questionário visando levantar informações objetivas. Depois aplicamos as entrevistas narrativas – visando aprofundar determinados aspectos específicos das histórias de vida que se encontram entrelaçadas ao contexto situacional em que a pesquisa se efetivou. A organização dos dados seguiu as sendas da análise de conteúdo e, no que tange à validação, recorreremos à concepção transformacional. Essas questões de cunho teórico-metodológicas estão sistematizadas nas páginas que seguem.

¹ KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1976.

² KOSIK, 1976, p. 15.

³ KOSIK, 1976.

⁴ LÖWY, Michel. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, A. AMADEO, J. GONZALEZ, S (orgs.). *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), Buenos Aires, 2006.

⁵ LÖWY, 2006, p. 274.

2. Marx e a religião

De imediato, é pertinente apontar que não há nos escritos nada profundamente elaborado de Marx sobre o fenômeno religioso. No entanto, isso não significa que a ausência de um estudo mais profundo sobre essa questão não tenha analisado a religião, sobretudo a sua função na sociedade capitalista.

A crítica à religião de Marx aparece mais nitidamente nas obras “Manuscritos Econômico-Filosóficos” (1844) e na “A Ideologia Alemã” (1845-1846), escrita em parceria com Engels. Embora na obra “A crítica da filosofia do direito de Hegel” possamos encontrar alguns excertos significativos, em especial quando analisa como a religião sobreviveu no escravismo, no feudalismo e no capitalismo. Em diversos momentos das referidas obras, Marx já apontava que a consciência religiosa é a forma mais aperfeiçoada do pensamento alienado.

É importante destacar, tal como entende Löwy⁶, que o marxismo sempre foi caracterizado por representar um “comunismo ateu” e inimigo mais irredutível e diabólico da fé cristã, o que, em certa medida, ensejou uma grande hostilidade entre os fiéis da Igreja e os movimentos políticos de inspiração marxista.

Precisamos, também, situar que Marx, a partir de sua epistemologia assentada no materialismo histórico dialético, posiciona a religião vinculada à superestrutura e que precisa ser suprimida na esfera pública, pois a função social que exerce no capitalismo colabora para a reprodução das relações sociais opressoras e alienantes.

Nessa linha, Marx entende o ser social, para além de uma visão abstrata, mas que se relaciona dialeticamente com meios necessários à sua sobrevivência, o que implica na produção de determinadas objetividades e subjetividades relacionadas à sua existência. Nesse sentido:

A totalidade das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona em geral o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.⁷

Marx não se deteve em negar a religião na sua esfera privada, enquanto prática individual. Deteve-se, ligeiramente, em identificar a função social da religião na sociedade dividida em classes.⁸ A religião em si, enquanto forma ideológica, configura uma expressão do afastamento do homem das condições concretas de existência e, desse modo, colaborando para o processo de conformação social com as contradições sociais típicas da sociedade capitalista.

Na “Crítica da filosofia do direito de Hegel”, Marx⁹ anota uma frase muito conhecida: “a religião é o ópio do povo” (muito embora algo parecido teriam escrito

⁶ LÖWY, Michel. *Marxismo e cristianismo na América Latina*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 19, p. 05–22, nov. 1989.

⁷ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

⁸ CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, v. 40, n. 4, p. 133–154, out. 2017.

⁹ MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013.

Kant, Feurbach e Bruno Bauer antes do próprio Marx). Feurbach¹⁰, por exemplo, na “Essência do Cristianismo”, conseguiu compreender como a religião aliena a consciência humana.

Desse modo, Feuerbach pondera que “[...] a obscura essência da religião com a luz da razão, para que finalmente os homens parem de ser explorados, para que deixem de ser joguetes de todos aqueles poderes inimigos da humanidade”.¹¹ A compreensão inicial de Marx sobre a religião recebe grande influência da crítica à religião desenvolvida por Feuerbach, tanto em “A essência do cristianismo”,¹² como nas “Preleções sobre a essência da religião”.¹³

Ademais, Feurbach exerceu grande influência na construção teórica do pensamento do jovem Marx. No entanto, é preciso perceber que a interpretação dialética de Marx permite-nos verificar na “Crítica da filosofia do direito de Hegel”¹⁴ um certo paradoxo no que concerne o fenômeno religioso numa sociedade capitalista. Vejamos:

A miséria *religiosa* constitui ao mesmo tempo a *expressão* da miséria real e o *protesto* contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o *ópio* do povo.¹⁵

Podemos identificar que para Marx a religião expressa numa sociedade de classes um nítido contrassenso. De um lado, a angústia religiosa representa um certo alívio de uma dor e sensação de bem-estar, mas pode também conceber um processo de embotamento mental que dificulta a percepção da realidade social e suas incongruências. Marx¹⁶, então, concebendo o caráter anestésico que a religião passa a representar para os trabalhadores, verifica que seu efeito anestésico serve de instrumento para amenizar o sofrimento enfrentado pela vida amarga a que estão submetidos sob a égide do capitalismo.

Na “A Ideologia alemã”, Marx e Engels¹⁷ inserem de fato a religião como elemento da realidade social e histórica. A religião, assim como o direito, a moral, a metafísica, as ideias políticas, se constitui como uma das múltiplas formas de produção espiritual (ideologia), mas que é condicionada pela produção material e as relações sociais correspondentes. É oportuno destacar o contexto histórico no qual Marx produziu a referida obra. Ainda era recente a derrocada do feudalismo que tinha na igreja um de seus principais alicerces. Como também, de um modo geral, as marcas do renascimento, iluminismo, da Ciência Moderna pulsavam firme no ambiente cultural alemão e Europeu, além de um crescente sentimento anticlerical que circundava a atmosfera do Velho Continente.

¹⁰ FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.

¹¹ FEUERBACH, 1989, p. 28.

¹² FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

¹³ FEUERBACH, 1989.

¹⁴ MARX, 2013.

¹⁵ MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus [supervisão e notas Marcelo Backes]. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

¹⁶ MARX, 2010.

¹⁷ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Decerto, todo esse cenário ensejava na maioria dos pensadores que se debruçavam em analisar o fenômeno religioso uma atitude crítica que compreendia o viés tendenciosamente ideológico da religião, em particular, a cristã. Nesse bojo, Marx a coloca não só como "o ópio do povo", mas como instrumento do qual a classe dominante economicamente se apropria para alimentar uma pseudo esperança nos potenciais descontentes com a ordem estabelecida. Assim, faz sentido entender a percepção de Marx quando afirma que: “[...] na Alemanha, a crítica da religião está, no essencial, terminada; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”¹⁸.

Nesse sentido, Marx e Engels¹⁹ ilustram que, ainda que as ideias sejam produzidas pelos indivíduos, elas, e todas as formas de representações mentais, como a religião, a moral, a filosofia não são independentes, desconectadas de suas bases materiais, mas são resultado de determinadas condições materiais de existência.

Assim, a afirmação que Marx²⁰ fica melhor compreensível a partir de uma epistemologia materialista e dialética, a qual verifica que o fenômeno religioso é como um sol ilusório em torno do qual se move o indivíduo até o momento em que esse decide se mover por si próprio.

Mas no balanço das horas tudo pode mudar, pois se na Europa a análise de Marx na conjuntura em que foi tecida correspondeu aos anseios interpretativos de seu tempo; na América Latina, ainda que não invalidando os pressupostos de Marx, teremos condições materiais e ensejos de novas interpretações teóricas e praxiológicas.

3. A emergência do cristianismo revolucionário e da teologia da libertação na América latina

Löwy²¹ expressou muito claramente a aversão e hostilidade que os fiéis cristãos (não apenas os católicos) tinham em relação ao marxismo e comunismo ateu em nosso continente. Essa interpretação começou a sofrer dialeticamente algumas alterações, especialmente na América Latina, ensejadas pelas absurdas contradições sociais que aqui eram bem mais perceptíveis do que na Europa e nos EUA. No final da década de 1980, Löwy nos apresenta a seguinte reflexão:

As brechas abertas neste muro graças ao surpreendente processo de convergência entre cristianismo e marxismo que se deu na América Latina no curso dos últimos 30 anos - em particular, mas não unicamente, através da teologia da libertação - tem sido um dos fatores de transformação social mais importantes na história moderna do continente. Alguns dos principais eventos sociais e políticos das décadas recentes - como a revolução nicaragüense, a insurgência popular em El Salvador e o novo movimento operário e popular no Brasil - são incompreensíveis e inexplicáveis se não se levar em consideração a profunda modificação da cultura católica latino-americana resultante da integração, por importantes setores da Igreja, de alguns temas essenciais do marxismo.²²

¹⁸ MARX, 2013, p. 145.

¹⁹ MARX e ENGELS, 2007.

²⁰ MARX, 2013.

²¹ LÖWY, 1989.

²² LÖWY, 1989, p. 5.

Na América o sangue latino pulsava diferente. Assim, para compreendermos e explicarmos o surgimento de diversos movimentos de luta e resistência emergidas nas veias de nosso continente, é preciso perceber e entender as modificações da cultura católica latino-americana, em particular dos movimentos que tiveram de algum modo inspiração em questões sociais já tratadas pelas diferentes vertentes do marxismo.

Segundo Löwy²³, o cristianismo da libertação é mais que uma continuidade de alguns momentos anticapitalistas da Igreja tradicional e representa a criação de um novo *ethos* religioso que exprime determinadas condições objetivas e subjetivas verificadas na América Latina. Aqui foi cogente um esforço analítico, dentro de uma tradição marxista, construir uma compreensão dialética do fenômeno religioso, pois não se sustentava reduzi-la a um “simples ópio do povo”.²⁴ Em particular após o aparecimento de Teologia da Libertação, que buscou, na epistemologia marxista, instrumentos teóricos pra interpretar, se engajar e agir nas resistências populares, de modo especial na Revolução Sandinista e nas lutas revolucionárias em El Salvador e no surgimento do MST no Brasil.

Segundo Löwy,²⁵ na América Latina estavam presentes determinadas circunstâncias que permitiram um radical processo que convergiu, por um lado, para o desenvolvimento acelerado do capitalismo, a urbanização intensa, a industrialização rápida que aprofundaram as contradições sociais na cidade e no campo e, por outro, serviu de impulso para a Revolução Cubana (1959-1960), que impôs uma grande derrota ao imperialismo na América Latina.

É nesta conjuntura que vai se desenvolver, na *América Latina*, uma relação de *afinidade eletiva*, em certos setores da Igreja e de sua base social, entre cristianismo e marxismo. Uma relação que, partindo das analogias existentes, vai conduzir a uma aproximação, convergência, articulação entre estas duas culturas tradicionalmente opostas - chegando em alguns casos até a *fusão*, com a formação de uma corrente *marxista cristã*.²⁶

Essa relação entre marxismo e cristianismo na América Latina foi fundamental para que determinados setores da igreja católica exprimissem sua opção preferencial pelos mais pobres e a luta por direitos sociais, emancipação política, econômica e colaborando para fomentar novos instrumentos interpretativos para reflexão e práticas cristãs.

No que tange especificamente à Teologia da Libertação, Camurça²⁷ a situa como uma teologia da periferia e dos excluídos. Desse modo, essa teologia manifesta a opção preferencial pelos pobres. Sobre a Teologia da Libertação, Camurça assim se expressa:

A Teologia da Libertação nasce na América Latina e no Brasil no final dos anos 1960, elaborada por teólogos como Leonardo Boff, Gustavo

²³ LÖWY, Michel. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

²⁴ LÖWY, Michel. *A contribuição da Teologia da Libertação*. 2013. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/11478/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.

²⁵ LÖWY, 1989

²⁶ LÖWY, 1989, p. 10.

²⁷ CAMURÇA, Marcelo. Teologia da Libertação: uma teologia da periferia e dos excluídos. *ComCiência*, Campinas, n. 146, março 2013.

Gutiérrez, Juan Luiz Segundo, Jon Sobrino, dentre outros. Essa teologia constitui-se como a primeira dos tempos modernos produzida na periferia da Igreja e comprometida de forma radical com os pobres e excluídos.²⁸

Historicamente, é importante situar o surgimento da Teologia da Libertação ligada a questões de cunho sócio-elesial que se desenvolve a partir da Igreja Católica na década de 1960. Tendo em vista a opção preferencial pelos pobres, essa nova teologia procura realizar uma análise crítica da realidade social e, assim, se aproximando da população pobre e oprimida.

É oportuno recuperar uma importante referência do Cristianismo Revolucionário: o teólogo Pablo Richard que teve significativa participação no movimento "Cristãos pelo Socialismo". Para ele, o ateísmo não era um problema, mas sim a "[...] idolatria como culto aos falsos deuses do sistema de opressão".²⁹

No Brasil, Leonardo Boff, semelhante a Richard, também segue uma análise teológica crítica tendo por base o marxismo como método de investigação social, tendo em vista a preparação de estratégias e organização de propostas políticas de caráter emancipadoras. Mas para Boff, isso não significaria restringir a experiência religiosa em nome da militância política, uma vez que:

O que propomos não é a teologia dentro do marxismo, mas a utilização do marxismo (materialismo histórico) pela teologia. A teologia é o referente maior, e não o marxismo; ela possui sua gramática própria, mas, quando busca eficácia libertadora no nível social, se apropria, à sua maneira, da contribuição da racionalidade marxista e elabora a sua síntese à luz de seus próprios critérios teológicos.³⁰

Para Boff,³¹ a verdadeira igreja deve caminhar com os oprimidos e isso implica metaforicamente, numa conjuntura em que as contradições sociais se exacerbam, enfrentar o vale de lágrimas até à terra prometida. Trata-se, portanto, de utilizar o marxismo como instrumento de análise crítica da realidade, mas tendo a teologia como principal referência.

Essa aproximação da teologia cristã com uma epistemologia, que na acepção da Santa Sé representaria a caricatura do comunismo ateu, acabou impondo determinadas sanções aos teólogos da libertação, em especial a Leonardo Boff (*A teologia da libertação no banco dos réus*, 1985), uma vez que desde 1937 a encíclica *Divini Redemptoris* havia definido o comunismo como "intrinsecamente perverso".³²

No Brasil, Boff acabou por responder um processo junto a Congregação para a Doutrina da Fé, chefiada por Joseph Ratzinger (que mais tarde se tornaria Papa Bento XVI) sendo condenado, em 1985, a um ano de silêncio obsequioso e que implicou em

²⁸ CAMURÇA, 2013, p. 1.

²⁹ RICHARD, Pablo. *A luta dos Deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador* : São Paulo, Paulinas, 1982.

³⁰ BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do Vale de Lágrimas à Terra Prometida*. Petrópolis: Vozes, 1998.

³¹ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação*. O teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1980.

³² IGREJA CATÓLICA. *Documentos de Pio XI*. São Paulo, 2004, p.589.

seu afastamento gradativo de suas funções ecumênicas até esse solicitar dispensa do seu sacerdócio.

Para Boff,³³ a Teologia da Libertação pertence a um lugar social e reside “junto com os pobres, assumindo sua causa e partilhando suas lutas”. Com isso, segundo Boff, ela é testemunhada e vivida em Comunidades Eclesiais de Base ou mesmo em pequenos grupos que se reúnem para refletir, se organizar e agir para lutar por alternativas e possibilidades de uma vida melhor.³⁴

As Comunidades Eclesiais de Base são fruto da ação política da Igreja Católica Progressista.³⁵ Esse viés progressista tem como inspiração a Teologia da Libertação e teve destacada importância no período de formação da sociedade civil brasileira contemporânea.³⁶ Assim sendo,

A Igreja Católica Progressista criou, promoveu e apoiou movimentos sociais modernos em todo o Brasil, tanto nos centros urbanos quanto na zona rural. Durante muitos anos - a começar pelo trabalho realizado na constituição das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nos anos 1960 -, foi a Igreja Católica Progressista que esteve no centro das lutas de pequenos agricultores deslocados/atingidos por barragens, comunidades indígenas, pescadores, trabalhadores urbanos e donas-de-casa das periferias das grandes cidades, em bairros pobres e favelas.³⁷

Nóbrega et al.³⁸ assinalam que as CEBs encontram na Teologia da Libertação uma explicação para sua própria vivência, tendo por base as realidades desses sujeitos. Representa, pois, uma possibilidade concreta para a superação, por meio da luta social, das opressões e explorações as quais estão submetidos.

Se outrora, conforme Coelho³⁹, a esfera do religioso e a esfera da economia-política estavam em campos diametralmente distintos, o contexto latino-americano ensejou uma reflexão que aproximou, tanto no aspecto teórico como na vida concreta, o marxismo e o cristianismo.

Embora permaneçam os distanciamentos no âmbito epistêmico, em particular no tenso campo existente entre uma concepção materialista e outra metafísica, a teologia da libertação, em certa medida, se aproxima dos pressupostos marxistas no que tange à busca pela libertação coletiva e construção de uma sociedade em que os indivíduos possam viver: De cada qual, segundo sua capacidade e a cada qual segundo

³³ BOFF, Leonardo. *Contribuição da eclesiogênese brasileira à Igreja universal*. Petrópolis: Vozes, 2002.

³⁴ BOFF, 2002.

³⁵ LEVY, Charmain. *Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial*. *Religião & Sociedade*, v. 29, n. 2, p. 177-197, 2009.

³⁶ LEVY, 2009.

³⁷ LEVY, 2009. p. 178.

³⁸ NÓBREGA, José Candido. et al. *A Teologia da libertação embutida no pensamento de Leonardo Boff: Uma iluminação para as Comunidades Eclesiais de Base*. *Revista Brasileira De Filosofia E História*, 10(1), 51-56. 2021.

³⁹ COELHO, Allan da Silva. Aspectos do pensamento de Mariátegui e a perspectiva descolonial dos estudos de religião. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 1, p. 12-34, 2012.

suas necessidades,⁴⁰ o que, em muitos aspectos, seria compatível como estavam organizadas as primeiras comunidades cristãs.

4. O processo de formação e conscientização política de lideranças comunitárias vinculadas a CEBs em uma comunidade de Belém (PA)

É oportuno lembrar que a sociedade brasileira, no final dos anos de 1980, ainda acompanhava os momentos finais da ditadura militar de 1964. Durante os anos de chumbo, podemos verificar que certos setores religiosos ligados à igreja católica estiveram junto a movimentos de resistência.

Desde o nefasto processo de colonização portuguesa, a igreja católica representou um poderoso instrumento a favor do colonizador. No entanto, sobretudo a partir da interpretação crítica da bíblia pelo cristianismo revolucionário, a igreja católica ensejou possibilidades de mudanças em sua estrutura política e ideológica, em especial na América Latina. Aqui, embora alguns religiosos tenham apoiado o regime, podemos perceber que também ocorria "esquerdização de setores católicos, principalmente no meio operário e estudantil".⁴¹

Ainda que o regime tenha endurecido a partir do AI 05 (Ato institucional 05/1968), podemos perceber que muitos padres e bispos decidiram-se pela fé engajada e, desse modo, colaboraram para apoiar os movimentos de base que resistiam e também com certas organizações da esquerda política, inclusive algumas que optaram pela luta armada.⁴²

Ainda na década de 1970, a censura e a repressão não impediram o surgimento do Movimento do Custo de Vida (MCV), que tinha como protagonistas mulheres simples da zona Sul de São Paulo contra a carestia de alimentos e que era apoiada pelas Comunidades Eclesiais de Base. Já no final da década de 1970, a esquerda católica, sobretudo aquela engajada nas CEBs, foi fundamental na fundação do Partido dos Trabalhadores.⁴³

É nesse cenário que as lideranças partícipes da pesquisa de campo irão se confrontar. Uma característica em comum é que todos são oriundos de municípios do interior do estado do Pará e que migraram pra Belém acreditando em melhores oportunidades e condições de vida.

Mas a realidade concreta revelava que não seria fácil essa mudança. A grave crise econômica da década de 1980 castigava duramente os estratos sociais mais pobres de nosso país. Havia a carestia, o desemprego e a ausência das mínimas condições de existência.

A Vila da Barca ainda hoje é considerada uma das áreas mais pobres de Belém (PA) e na década de 1980 as condições eram piores. O acesso à saúde pública era precário e o saneamento básico praticamente inexistia. A garantia do direito à educação básica também não era fácil, nem a eles e nem a seus filhos. Nessas condições, onde se deposita a esperança e a fé?

⁴⁰ MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. Tradução de Sueli T. Barros Cassal. Porto Alegre: L&M, 2002.

⁴¹ ESTEVEZ, Alejandra Luisa. Relações Igreja-Estado em uma cidade operária durante a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69, p. 207–231, jan. 2015.

⁴² ESTEVEZ, 2015.

⁴³ SINGER, André. A segunda alma do partido dos trabalhadores. *Novos estudos CEBRAP*, n. 88, p. 89–111, dez. 2010.

Sempre foi difícil a vida por aqui. Faltava de tudo. Mas era necessário ter fé e esperança em alguma coisa. E essa luz veio na igreja. Mas era uma igreja diferente. A começar pelas músicas (Entrevistado I).

Sempre acreditei, sonhei. Sempre tive a esperança. Às vezes nem por mim, mas por meus filhos. Foi assim que encontrei uma igreja diferente, disposta a nos encorajar a lutar por nossos direitos. (Entrevistado II).

A vida sempre foi dura pra nós trabalhadores. Sempre foi muita luta pra viver. Antigamente tudo era muito difícil. Nunca perdi minha esperança, mas passei a ter uma fé diferente numa igreja diferente. (Entrevistado III).

Eu escolhi vim pra Belém imaginando que aqui seria mais fácil e não foi bem assim. Mas aqui também pude fortalecer minha esperança e minha fé na luta. E a igreja foi muito importante pra insistir na caminhada. (Entrevistado IV).

Conforme Martins, é preciso entender a sociabilidade do homem simples.⁴⁴ Nesse sentido, é importante considerar a vida desses sujeitos em seu cotidiano “[...] cuja existência é atravessada por mecanismos de dominação e de alienação que distorcem sua compreensão da história e do próprio destino.⁴⁵

De um modo geral, todos nós somos um pouco ou muito desse homem/mulher, negros, negras, pobres, LGBT que suportam diariamente a dureza da realidade que se revela opulenta a uns e desgraça para a maioria; uma organização social que oprime, explora, subalterniza, discrimina e pisoteia os que têm pouco ou quase nada pra sobreviver e procuram alguma explicação e sentido pra vida

Se por um lado, as condições objetivas e subjetivas da vida e sua configuração alienada tendem a dificultar a interpretação crítica da realidade, a vivência nas CEBs permitiam que os sujeitos possam confrontar e apreender os fenômenos sociais que os cercam. Desse modo, as contradições concretas de existência permitem a possibilidade de seu desvelamento pelos sujeitos que vivenciam as opressões do cotidiano, o que é verificado nos fragmentos dos depoimentos abaixo:

Eu tinha uma visão bem diferente do que era igreja, religião. Participar de uma CEBs colaborou muito para eu despertar. Conseguia entender, ali na comunhão com meus irmãos, outras formas de entender os problemas sociais que atormentavam nossa vida (Entrevistado I).

As CEBs eram a minha escola. Só me alfabetizei depois de entrar nas CEBs. Vi que era necessário pra entender melhor as questões que era discutido. Posso dizer que foi a minha universidade. O mundo já não

⁴⁴ MARTINS, Jose de Sousa. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo. Hucitec. 2013.

⁴⁵ MARTINS, 2013, p. 9.

era o mesmo. E me via como sujeito. Como alguém que pode lutar coletivamente por um novo mundo (Entrevistado II).

No começo eu não queria ir. Foi minha companheira que me convidou. Achei estranha. A gente não apenas rezava, mas era instigado a pensar sobre nossos problemas. A luz do evangelho pensamos também na possibilidade de reivindicar nossos direitos. (Entrevistado III).

O catolicismo de onde eu vim e o catolicismo praticado nas CEBs era diferente. Claro que tinha o momento da oração, mas também tinha o momento da gente refletir sobre nossas condições de vida. O desemprego, a fome, a falta de saúde, mas também a importância de se organizar enquanto povo e lutar por mudanças (Entrevistado IV).

Assim, se o jovem Marx ⁴⁶ havia colocado a religião como um sol ilusório em torno do qual se move o homem enquanto ele não se move em torno de si mesmo, agora podemos verificar que ela pode representar algo além do ópio do povo. Não que isso invalide a afirmação de Marx. Mas ocorre que na América Latina, ensejada, sobretudo, pela dinâmica de exploração a que esse continente foi subjugado, determinadas condições objetivas favorecerem o surgimento de um cristianismo que se esforçou em analisar as contradições sociais por meio do instrumental conceitual marxista.

A produção da vida material e todos seus paradoxos baseados na absurda concentração de renda impõe a possibilidade de novas interpretações sociais. E nesse momento que há a possibilidade dialética do “[...] encontro com o Senhor no pobre”.⁴⁷ E o papel político de uma CEBs seria o de garantir a elevação da consciência dos oprimidos e marginalizados e desse modo favorecer a “[...] irrupção dos pobres, como sujeitos ativos e organizados, na sociedade e na Igreja” (Libanio, 1987, p.110).⁴⁸ E assim, no dia a dia, no duro chão da realidade concreta, esses indivíduos poderiam avançar num processo de formação e conscientização política que lhes possibilitassem, além de rezas e orações, lutar por uma vida coletiva melhor para todos.

5. Narrativas de uma experiência teológica baseada nas premissas da teologia da libertação

Benjamin⁴⁹ ainda que percebendo o empobrecimento da experiência na sociedade capitalista, pondera a respeito da importância de sua reconstrução e a retomada da arte de narrar. No ensaio “Narrador”, Benjamin advertia que a pobreza de experiências se configura num signo característico da sociedade capitalista.

A experiência vivenciada pelos indivíduos partícipes dessa pesquisa, ao contrário do que vem se materializando no bojo da sociedade capitalista, registrou na

⁴⁶ MARX, 2010.

⁴⁷ BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação*. O teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1980.

⁴⁸ LIBANIO, João. Batista. *Teologia da libertação*: roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

⁴⁹ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____ *Magia e Técnica, Arte e Política* - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

memória deles, uma etapa importante de suas existências e que os tocou com intensidade:

Era diferente. Era uma igreja que se ocupava sim com a espiritualidade, mas sem esquecer nossos problemas. Era uma igreja de um cristo sofrido, de mãos calejadas, mas que nos conscientizava pra reivindicar nossos direitos (Entrevistado I).

Hoje quase eu pouco vou a igreja... Eu vou, mas já não sinto aquela energia diferente dos anos oitenta. Tínhamos a preocupação com a religião, mas junto com a luta política pela libertação. Era uma igreja que se preocupava com os pobres, não só com a questão espiritual, mas também com as desigualdades e injustiças desse mundo (Entrevistado II).

Aquela geração tinha compromisso com as questões espirituais, mas sem nos alienar. Era um Cristo concreto de uma realidade concreta. Era um Cristo que se preocupava com a nossa libertação das nossas opressões (Entrevistado III).

Aquela experiência foi a minha universidade. Não pode fazer faculdade. Mas o que eu aprendi nas CEBs me fez vê o mundo de outra forma. Mas fez acreditar em Cristo e na igreja de outro jeito (Entrevistado IV).

Podemos observar nos fragmentos que os entrevistados conseguem perceber a tensão dialética existente entre política e religião. Assim, perceberam que aquele novo jeito de ser igreja, se tratava de uma nova de manifestação religiosa, assentada em desafios eclesiais de uma prática sociopolítica de cunho libertário.

A importância da dimensão política e social é uma das principais características das CEBs, pois podemos perceber a ligação entre a fé cristã e a prática política libertária nos fragmentos apresentados extraído dos depoimentos analisados nessa pesquisa.

É oportuno ressaltar que estamos tratando de sujeitos e sujeitas que vivenciaram as transformações sociais brasileira da década de 1980. E no seio da igreja católica, a Teologia da Libertação acabou tendo a possibilidade de se disseminar por meio de uma extensa rede de organismos populares (ainda que posteriormente a Santa Sé tenha tentado sufocar e eliminar o pendor político das CEBs, em especial a utilização do marxismo como instrumento de diagnóstico da realidade social).

A América Latina, de um modo geral, na década de 1980, por meio do cristianismo da libertação, elevou os pobres a condição de sujeitos de sua história e protagonistas de sua libertação. A fé popular, portanto, se constitui em importante fundamento da luta política por transformação social, o que é verificado nas informações dos depoentes:

Nas CEBs, eu percebia que era possível mudar a realidade. Percebi que os ricos não querem mudança e que a mudança tem que vir dos de baixo, dos pobres, excluídos e marginalizados (Entrevistado I).

Eu tenho fé em Deus. Mas também tenho fé na luta do povo. Acredito em Cristo. E creio também que qualquer transformação social passa pela nossa consciência e luta política (Entrevistado II).

Muita fé e pouca ação não muda a realidade. A fé deve se materializar em ações compatíveis com os fundamentos éticos de nossa doutrina religiosa. Mas também temos que lutar, sem esquecer nossa fé (Entrevistado III).

Eu demorei entender que como ter fé e consciência política. Que confusão! Bem, prefiro tentar conciliar minha fé com minha atuação política e saber que a mudança partirá de nos, que estamos excluídos por esse sistema (Entrevistado IV).

As lideranças das CEBs participes do estudo empírico aqui apresentado aprenderam a ler o mundo de uma outra forma. Assumiram um protagonismo social em função de uma elevação da consciência de classe, condição fundamental para a emancipação social e também podem ensejar modos de ser e viver para uma nova sociedade.

Assim, começaram a viver e pensar a vida social de forma mais autônoma e desse modo sonhar com outras possibilidades utópicas de existir esse mundo tão injusto, desigual, desumano. Contraditoriamente, essa lição não foi ensinada na escola, da qual muitos foram excluídos, mas na concreticidade de suas existências, numa instituição social que historicamente serviu de instrumento a dominação.

Gohn⁵⁰ escrevera uma das atribuições das CEBs era formar politicamente seus participantes e foram a porta de entrada nos movimentos sociais urbanos de luta por creches, transportes, postos de saúde, moradia etc. As CEBs, portanto, representaram essa possibilidade histórica para muitos indivíduos que encontraram na igreja, não apenas refúgio para aflições da alma, mas uma ferramenta na luta pelo pão e no sonho de um mundo justo e livre de opressões.

É importante ressaltar o sentimento de pertencimento construído por esses sujeitos e sujeitas no processo de sociabilidade oportunizados nos encontros comunitários, em particular quando recordam de uma canção que marcou aquelas vivências formativas: “*Eu sou feliz é na comunidade. Na comunidade eu sou feliz*” (Entrevistado I, II, III e IV). Memória de um tempo de um lugar e uma lembrança que não sucumbiu ao esquecimento, pois “*A vida era difícil e ainda é... Mas encontrávamos nos companheiros um refúgio e uma esperança de um mundo melhor pra todos*” (Entrevistado IV).

Considerações Inconclusivas

A crítica inicial de Marx e Engels a religião, que sofreu forte influência dos hegelianos de esquerda, sobretudo Feuerbach, demarca um importante momento no campo investigativo, em particular quando destacam que a religião serve de instrumento a serviço da alienação e dominação dos indivíduos.

⁵⁰ GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 333–361, maio 2011.

Se por um lado, podemos perceber que a religião possui um efeito anestésico junto aos seus seguidores, na América Latina, particularmente por meio da efervescência de um cristianismo revolucionário, verificamos o advento de uma igreja cuja opção preferencial seriam os pobres. Por isso podemos encontra-la ainda viva nas comunidades Eclesiais de Base, no MST e também em diversos movimentos sociais. E estendo suas análises para os campos da ética, ecologia e espiritualidade dentro de uma abordagem ecumênica.

E ainda que seja contraditório, emerge uma concepção teológica que nasce da perspectiva de interpretar a realidade latino-americana conciliando o evangelho tendo por base o arcabouço analítico marxista e lançando luz sobre um continente marcado pela espoliação e exploração capitalista.

Aí caberia indagar: a religião ainda seria apenas o ópio do povo? Em parte, não, uma vez que a teologia da libertação coloca a religião dentro do campo das possibilidades utópicas, sobretudo por meio das CEBs. Em parte, sim, pois a teologia da prosperidade, muito mais do que um ópio, opera pra alienar, subalternizar e potencializar os mecanismos de exploração, alienação e subjugação das massas empobrecidas.

Procuramos, ao longo das linhas aqui escritas, tecer algumas considerações a respeito do processo de formação e conscientização política de lideranças comunitárias vinculadas a CEBs em uma comunidade em Belém, bem como levantar narrativas de uma experiência teológica, baseada nas premissas da teologia da libertação. Não se trata de uma pesquisa histórica, mas que tentou recuperar parte da memória de sujeitos que tiveram destacada atuação durante os anos de 1980 na comunidade da Vila da Barca e assim jogar luz no papel que a igreja pode assumir no mundo contemporâneo. Aliar-se aos poderosos com o propósito de ajudar no projeto de dominação de classe? Trabalhar na conscientização e politização dos trabalhadores e trabalhadoras?

Ainda que estejamos distantes da década de 1980, o contraditório processo metabólico que reproduz a sociedade capitalista, hoje sob a égide do neoliberalismo, está mais vigoroso que nunca e disseminando muito mais do que outrora as condições objetivas que favoreceram o surgimento da teologia da libertação e as CEBs no solo latino-americano. Nesse sentido, existe a possibilidade dialética da igreja assumir concretamente sua preferência pelos pobres.

Essa pesquisa também teve o interesse de apresentar algumas reflexões no que tange a religião e a política tendo como referencial o marxismo. Ainda que tendo um caráter introdutório, espero provocar outras investigações de natureza teórica e empírica, tendo em vista avançar na reflexão epistêmica sobre as questões aqui dissecadas, tanto no âmbito micro quanto no macro.

Referências

A teologia da libertação no banco dos réus. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, v. 2, n. 2, p. 44–49, set. 1985.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____ *Magia e Técnica, Arte e Política* - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.



- BOFF, Leonardo. *Contribuição da eclesiogênese brasileira à Igreja universal*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOFF, Leonardo. *O caminhar da Igreja com os oprimidos: do Vale de Lágrimas à Terra Prometida*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. *Da libertação*. O teólogo das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CAMURÇA, Marcelo. Teologia da Libertação: uma teologia da periferia e dos excluídos. *ComCiência*, Campinas, n. 146, março 2013.
- COELHO, Allan da Silva. Aspectos do pensamento de Mariátegui e a perspectiva descolonial dos estudos de religião. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 1, p. 12-34, 2012.
- ESTEVEZ, Alejandra Luisa. Relações Igreja-Estado em uma cidade operária durante a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, v. 35, n. 69, p. 207–231, jan. 2015.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papirus, 1989.
- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 16, n. 47, p. 333–361, maio 2011.
- IGREJA CATÓLICA. *Documentos de Pio XI*. São Paulo, 2004, p. 589.
- KOSIK, Karel, *Dialética do Concreto*, 2ª. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LEVY, Charmain. *Influência e contribuição: a igreja católica progressista brasileira e o fórum social mundial*. *Religião & Sociedade*, v. 29, n. 2, p. 177–197, 2009.
- LIBANIO, João. Batista. *Teologia da libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.
- LÖWY, Michel. *A contribuição da Teologia da Libertação*. 2013. Disponível em: <<https://www.brasilefato.com.br/node/11478/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2016.
- LÖWY, Michel. *Marxismo e cristianismo na América Latina*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 19, p. 05–22, nov. 1989.
- LÖWY, Michel. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, A. AMADEO, J. GONZALEZ, S (orgs.). *A teoria marxista hoje*. Problemas e perspectivas. CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), Buenos Aires, 2006.
- LÖWY, Michel. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- MARTINS, Jose de Sousa. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo. Hucitec. 2013.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.



MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. Tradução de Sueli T. Barros Cassal. Porto Alegre: L&M, 2002.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus [supervisão e notas Marcelo Backes]. 2.ed revista. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NÓBREGA, José Candido. et al. *A Teologia da libertação embutida no pensamento de Leonardo Boff: Uma iluminação para as Comunidades Eclesiais de Base*. *Revista Brasileira De Filosofia E História*, 10(1), 51–56. 2021.

RICHARD, Pablo. *A luta dos Deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador*. São Paulo, Paulinas, 1982.

SINGER, André. A segunda alma do partido dos trabalhadores. *Novos estudos CEBRAP*, n. 88, p. 89–111, dez. 2010.